

Introdução

Jorge Alberto Rocha

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ROCHA, JAC. Introdução. In: *Michel Foucault: crítico-esteta-cínico mitigado* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014. Substractum collection, pp. 17-30. ISBN 978-85-7879-184-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Introdução

Em 1991 Gilles Deleuze e Félix Guattari publicaram a obra *Qu'est-ce que la philosophie* (1996). Nesta, uma das suas metas era demarcar a filosofia como “criação de conceitos”, ao passo que a ciência se incumbiria de criar “funcitivos”, e a arte, “perceptos e afectos”. No âmago da criação filosófica caberia destaque certo “construtivismo”,¹ fazendo parte deste o que os autores chamaram de insistência ou de “plano pró-filosófico”. Na presente tese busca-se retomar um pouco essa orientação, relacionando-a à obra de Michel Foucault. Ou seja, procura-se não assumir com todas as letras a noção Deleuze-guattaridiana nos seus detalhes, senão apenas utilizá-la como uma espécie de inspiração para este trabalho.

Na história da filosofia pode-se por toda a parte identificar esse plano. Platão toma Sócrates como personagem conceitual e faz intervir as figuras do *amigo* ou do *amante*, aquele que disputa a coisa e o conceito, fazendo aparecer o *pretendente* ao saber (o filósofo) e seu rival (o homem da *doxa*). Descartes constrói uma imagem que já não é a do professor público, pois

1 Ou seja, imanência, insistência e consistência (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 74), noções que já nos reportamos em outro lugar (ROCHA, 2008).

sua tarefa foi, justamente, denunciar o ensino disseminado nas instâncias institucionais, não propiciando à época um caminho seguro ao saber. Kant, talvez o exemplo mais claro, encarna a figura do *juiz*, e faz a razão ao mesmo tempo sentar no banco dos réus e presidir o *juizamento*, condenando todo o aparato racional que não observe os seus próprios limites. Nietzsche transforma-se no *Dioniso*, sem buscar sê-lo efetivamente como personagem psíquico-social, pois faz dele um *operador conceitual* para levar a cabo a tarefa de denunciar o homem apequenado na mesmice da vida moderna. O *Dioniso* nietzscheano identifica em Sócrates e no Cristo uma inclinação voltada na direção contrária do “sentido da terra”: uma vida trágica² em seus traços mais fundamentais carrega, ao contrário e sem culpa, o desejo e o instinto como características humanas inalienáveis.

Identificar os personagens conceituais é algo de importante, no sentido de aclarar o pensamento de certo filósofo; e tais personagens são uma espécie de assinatura do pensador, um *outro nome* que aparece aos poucos e que vai mudando durante toda uma *démarche* de vida reflexiva para, como corolário de todos os movimentos desse pensamento, terminar encarnando alguma figura principal, entendendo-se que as nomenclaturas surgidas são um aporte à compreensão do pensador, demonstrando aí os seus pousos conceituais, os seus saltos para outros lugares e, dado esse aspecto móvel, suas *territorializações* e *desterritorializações*. A filosofia, dessa forma, termina consistindo em uma espécie de *geografia* do pensamento.

2 Roberto Machado (2006) dedica toda uma parte do seu livro para falar acerca da dimensão trágica em Nietzsche.

O propósito inicial da tese que se apresenta consiste em identificar e analisar os personagens conceituais mais significativos encontrados na obra de Michel Foucault e, finalmente, aquele que melhor poderia caracterizá-lo. Assim, desde o início perguntou-se sobre qual o traço personalístico atribuir a Foucault, sabendo que foram inúmeros os personagens conceituais imputados a ele ao longo do seu percurso. Dreyfus e Rabinow (1995, p. XIII), dois comentadores importantes, observaram a trajetória foucaultiana e procuraram compreender as figuras do arqueólogo e a do genealogista, como alternativas à Fenomenologia, ao Estruturalismo e à Hermenêutica. Mas nem por isso Foucault teria se tornado aquele que estuda o passado humano através de vestígios materiais (sentido usual de arqueólogo), muito menos poderia ser identificado como historiador. E mesmo o genealogista, segundo Dreyfus e Rabinow, não termina sendo o ponto de parada foucaultiano que, no seu conjunto, para os autores, termina construindo uma *analítica interpretativa*.

O personagem conceitual de estruturalista foi um dos mais recorrentes, e Foucault se posicionou frequentemente sobre isso, desde o valor dado a Dumézil, à sua ideia de *estrutura* endereçada aos mitos (“*La folie n’existe que dans une société*”, FOUCAULT, DE, I, 1994, p. 196), ao valor concedido mesmo ao seu traço geral, quer dizer, ter sido um movimento de análise da “conjuntura cultural” (FOUCAULT, “*La philosophie structuraliste permet le diagnostiquer ce qu’est ‘aujourd’hui*”, DE, I, 1994, p. 582). Além disso, o Estruturalismo recusava o primado do sujeito, da sua autocompreensão do mundo, a favor de instâncias inconscientes que regem as relações.

Assim mesmo Foucault chega a recusar o rótulo de estruturalista, e se esquiva igualmente de colocar-se como filósofo. Estaria ele buscando menos esse enquadramento do que se valer da filosofia como *atitude*? Estaria ele recusando alguma imagem possível de filósofo relativo a sábio, ao que busca o profundo, o oculto, a verdade? Para Carlos Noguera-Ramírez (In: CASTELO BRANCO; VEIGA-NETO, 2011, p. 72) deve-se compreender, antes de tudo, a importância do significado do *professor* Foucault, ler os seus cursos publicados no *Collège de France* não propriamente como livros, mas como “oficina” de pensamento. E, afinal, lembrando Noguera-Ramírez do humanista espanhol Juan Vives, o que há de melhor para aumentar a erudição do que o ensino?

Ao lado de não querer enquadrar-se como filósofo uma questão foucaultiana colocada é se mesmo a filosofia existe, após o surgimento das ciências humanas terem restringido o seu papel dentro de uma análise conjunta das coisas humanas (a sociedade, a *psiquê*, a história...). Para Michel Foucault é após Hegel que as portas do horizonte infinito da filosofia são fechadas, cedendo lugar à figura do intelectual. Não obstante, contanto que se entenda bem o seu significado, não o colocando como consciência de todos, e não o inserindo no círculo fechado do intelectual-filósofo. Tornar-se intelectual parece, então, ser uma possibilidade extremamente democrática – um matemático pode ser um intelectual, um físico pode sê-lo.

A tese ora apresentada visa no seu Capítulo I considerar essas imputações tradicionais conferidas a Michel Foucault, a saber, arqueólogo, historiador, filósofo, intelectual e estruturalista. Todas essas imagens foram construídas no interior

de debates bastante profícuos em que ele, lúcido acerca do seu empreendimento teórico, proporcionava aos seus alunos, colegas, estudiosos ou curiosos em geral a chance de reparar a forma vigorosa pela qual tratava os conceitos ou noções que vinham à baila. Por outro lado, busca-se mostrar também a necessidade de identificar alguns outros personagens conceituais não tão recorrentes, os quais se destacam o Foucault *jornalista* e, como corolário do final deste Capítulo, a imagem de *crítico pluralista*, uma imagem foucaultiana mais adotada do que mesmo a de intelectual. A crítica tem a ver com um trabalho que visa a minar alguns entendimentos corriqueiros acerca dos discursos unitários, como o discurso científico, por exemplo.

Falou-se mais acima acerca de atitude filosófica. Para Michel Foucault tal atitude ganhou o contorno do exercício da atividade crítica, que ele mesmo terminara por assumir. Só que Foucault não conservará propriamente aquela forma do “crítico pluralista”, senão que conferirá à alcunha de “crítico” um sentido mais largo, e regido a partir de uma outra trama conceitual. É este sentido que Helton Adverse tem em mente, ao dizer que a partir dos anos de 1970 “Foucault irá explicitamente colocar a genealogia sob a égide da crítica” (ADVERSE, 2010, p. 2), ou dessa nova crítica.

O segundo e o terceiro capítulos da tese ora apresentada será concentrada nessa ideia de ser *crítico*, uma autodenominação privilegiada, pois assumida sem reservas por Foucault, ao contrário do que tinha acontecido com as imagens de estruturalista, historiador, filósofo ou intelectual. Esta noção foucaultiana de crítico apareceu a partir, fundamentalmente, de dois momentos, ambos oriundos de uma mesma época.

Em 27 de maio de 1978 em uma comunicação que Michel Foucault apresenta na *Société Française de Philosophie*, curiosamente sem um título que a encabeçasse, como ele mesmo alertou. Esta mesma entidade foi quem se prontificou depois, a fim de publicação, a cunhar um título, o mais adequado possível ao conteúdo abordado. A escolha adotada foi, então, “Qu’est-ce que la critique? [Critique y *Aufklärung*]”.³ Também em 1978 surge um texto que aborda o problema da crítica. Foi a Introdução foucaultiana da edição americana de *Le normal et le pathologique* de Georges Canguilhem, texto este que ressurgirá em 1984, com poucas modificações, na “Revue de métaphysique et de morale”: “La vie: l’expérience et la science” (DE, IV, 1984, p. 763) –⁴ enviado para publicação em abril de 1984, mas só editado no ano seguinte à morte de Foucault, em 1985.

No primeiro texto mais acima referido Foucault tenta demarcar o que é ou como se pode limitar conceitualmente o que ele chama de “atividade crítica do Ocidente”. Vê-se aí uma interpretação foucaultiana de Kant diferente daquela de cunho negativo que aparecera em *Les mots et les choses* (FOUCAULT, 2002a), ou seja, a do Kant atrelado a uma

3 A transcrição original desta conferência encontra-se no “Bulletin de la Société Française de Philosophie, 84 année, n. 2, Avril-Juin 1990, p. 35-63”.

4 Será utilizada a sigla “DE” para se referir aos *Dits et écrits*, precedido da sua autoria (Foucault), do artigo, entrevista ou prefácio em causa, a fim de informar melhor ao leitor acerca de qual texto está sendo trabalhado especificamente, e seguido do volume, ano e página correspondentes. Como estava esgotado o volume II da edição de 1994, foi usado desta os volumes I, III e IV, e o volume I da edição de 2001. As traduções do francês para o português levarão igualmente em conta os *Dits e Escritos*, tradução brasileira dos *Dits*, composto por sete volumes e constante nas Referências Bibliográficas.

tendência “antropológica”, que será deslocada a partir do surgimento de novas empiricidades (economia, biologia e filologia). Não se perguntará mais, nesse cenário, como é possível o conhecimento, mas como o homem pode transitar no espaço de um desconhecido que, entretanto, o percorre: as leis da economia, da vida e da linguagem; um impensado no homem e um antropologismo científico que o coloca como objeto do saber e sujeito que conhece, empirismo transcendental que impossibilita as Ciências Humanas de alcançarem um resultado científico esperado.

Mas há em Foucault também uma segunda visada importante de Kant, quando se realça o caráter crítico inaugurado por ele; ou seja, uma crítica como algo disposto entre a “alta empresa kantiana e as pequenas atividades polêmico-profissionais” (FOUCAULT, 1995, p. 1). Michel Foucault busca aí alargar a interpretação kantiana do “Esclarecimento”, e divisar o que ela significou para o Ocidente. O termo “crítica”, porém, não seria algo por demais extenso, presente muito antes de Kant? E como buscar uma certa unidade em atividades tão dispersas, ao dizer que obras e autores tornaram-se críticos no Ocidente, entendendo-se a crítica como um instrumento ou virtude em geral?

Boscou-se nesta tese realçar, em primeiro lugar, uma posição algo curiosa de Foucault ao dizer que Kant inaugurou a modernidade *como questão*, aparentemente contrastando com as posições de Habermas, Hyppolite ou Marcuse. Esclarecendo tal impasse as análises foucaultianas, baseadas no texto de jornal escrito por Kant sobre a *Aufklärung*, conduzem o leitor para o entendimento do papel da filosofia, sintetizada como ontologia do presente, e temas imprescindíveis,

como “governamentalidade” e “diagnóstico” buscarão evidenciar como se deu o devir de todo esse empreendimento crítico ocidental. Em uma palavra, a significação do empreendimento kantiano nas suas desterritorializações e reterritorializações filosófico-européias.

No outro texto importante que completa a abordagem do tema da herança crítica (o Prefácio feito por Foucault à edição inglesa do livro de Canguilhem *O normal e o patológico*),⁵ encontra-se Foucault fazendo uma análise histórico-filosófica das correntes de pensamento que se estabeleceram em França, a fim de situar a obra de Canguilhem no contexto da intelectualidade francesa, inserindo-se *ao lado de Canguilhem, em uma tradição de busca filosófica pelo conceito*. Mas a crítica foucaultiana não tomará outros estranhos caminhos, se se busca alguma correlação? Voltaremos a isso a seguir.

A partir da noção de herança crítica, em que Foucault vai julgar-se próximo da epistemologia, surge uma ocorrência privilegiada do termo crítica (embora breve). Ela aparece no verbete “Foucault”, publicado em 1984 (DE, IV, 1994, p. 631), elaborado por ele mesmo, mas com o pseudônimo de Maurice Florence, cujas letras iniciais de cada nome (M-F) fazem menção a Michel Foucault. O que tal texto traz de novidade em relação aos dois momentos anteriores que chegamos a abordar? Foucault – já próximo da morte e com uma série de estudos já realizados (portanto, com uma visão panorâmica da sua obra diante de si) – diz fazer uma história crítica do pensamento, e tenta demarcar essa ideia. Foucault procurará

5 Será utilizado, porém, “La vie: l’expérience et la science”, por ser mais tardio.

estudar a “constituição do sujeito como objeto para si mesmo” (DE, IV, 1994, p. 633). Mais precisamente (a fim, porém, de não se pensar que está em causa aqui esforços científicos neutros e apaziguadores voltados para a apreensão deste homem) um estudo acerca das formas pelas quais este fora “conduzido” a se olhar, “a se analisar, a se decifrar, a se reconhecer como domínio de saber possível” (FOUCAULT, “Foucault”, DE, IV, 1994, p. 633). Foucault não irá falar em sujeito e nem em objeto, mas em processos de subjetivação e em processos de objetivação.

As ideias contidas em “Qu’est-ce que la critique? [Critique y *Aufklärung*]”, cujo entendimento aprofundado não é encontrado nesse pequeno texto, são completadas principalmente pelas duas publicações do artigo “Qu’est-ce-que les Lumières?”, ora no Pantheon Books, de New York, ora no Francês Magazine Littéraire, ambos em 1984, além de cursos proferidos no *Collège de France*, com destaque para “Le Gouvernement de si et des autres” (FOUCAULT, 2008). Esses textos dão mais alguns elementos para aprofundar a interpretação foucaultiana de Kant, abrindo o caminho reflexivo para aquela pergunta de como não ser governado.

Mas para onde a *crítica* foucaultiana termina levando? Ou por outra, se na tradição crítica do Ocidente inaugurada por Kant houve aqueles que optaram por uma “filosofia do sentido e experiência” (os fenomenólogos, por exemplo) e aqueles que optaram por uma “filosofia do conceito” (os epistemólogos franceses, com Foucault partilhando dessa segunda vertente) haveria razão em colocá-los lado ao lado, como ele o queria? Ou seja, como entender essa “afinidade” ou essa convergência? E quais convergências seriam essas uma vez que

Foucault realizara uma crítica tão demolidora dos fundamentos mais importantes das abordagens ligadas à ciência, que seu nome jamais se alinhou a uma imagem relacionada com a epistemologia?

Pois, ainda que esta corrente questionasse o sentido tradicional de ciência, como saber estanque; de progresso (apreendido linearmente); de verdade (absoluta, no sentido cartesiano) não iria demolir tais categorias, assim como o fez Michel Foucault. A ciência permanecerá para ela como o saber mais avançado do homem; o progresso do saber ainda vai ser enaltecido, malgrado seus saltos e ritornelos; por fim, a verdade, apreendida como aproximação paulatina do conhecimento das coisas, ainda subsistirá. Como Foucault termina por demolir tudo isso, a imagem conceitual de crítico não subsistirá sem a ajuda de outros personagens conceituais.

Assim, apesar de Kant ter inaugurado uma tradição crítica do Ocidente a *crítica* específica empreendida por Foucault não estaria situada em um ponto por demais distante de uma proposta efetiva para se legitimar toda uma ambição da ciência de atingir conhecimentos, ainda que parciais ou sem um grau absoluto de certeza? Não se precisaria falar de pólos distintos ou separados: Ciência, de um lado, “saber” em Foucault do outro lado? Crença na ciência, como “lugar próprio do conhecimento e da verdade”, *versus* emergência de uma outra metodologia investigativa – a arqueológica – conservando o primado pela busca do conceito às custas da recusa de tudo o que pode aparecer como factual (MACHADO, 2006, p. 7 e 10)?

Foi preciso entender como Michel Foucault operou uma série de correlações conceituais. Assim, é necessário falar em sujeito-verdade-poder; em como a própria educação se insere nesse contexto (realçou-se a educação universitária) e, nesse *teatro* social da verdade, em que poder e sujeito se misturam na produção de discursos pretensamente verdadeiros, a lição dos homens infames, tal como se sugere a partir do texto foucaultiano “La vie des hommes infâmes” (FOUCAULT, DE, III, 1994), foi uma referência importante apontada na correlação entre as pessoas em sociedade e as ingerências do poder em suas vidas.

Por fim, a demarcação da noção de crítica em Foucault precisaria passar pelas dimensões arqueológica, genealógica e estratégica, que ele realça na conferência publicada como “Qu’est-ce que la critique? [Critique y *Aufklärung*]”. A análise da genealogia nietzscheana feita por Michel Foucault termina por apontar para a questão do sujeitamento, da descofiança relativamente às familiaridades sociais e, portanto, da restituição das singularidades nos comportamentos. É o momento em que a crítica parece ceder lugar a outros personagens conceituais.

A presente tese buscou mostrar aí um primeiro ponto essencial: o auto-enquadramento foucaultiano em uma tradição crítica não poderia definir o seu traço personalístico definitivo. Era preciso agregar outros territórios. Já se tornou canônico dizer que a última fase foucaultiana foi marcada por uma genealogia da ética. Entende-se esse novo caminho como a *junção* do personagem conceitual de crítico ao de esteta, que aparecem de forma contígua, indo de uma autocompreensão das familiaridades sociais a serem

recusadas até uma postura *etopoiética*. Como escreve Foucault na Introdução de *L'usage des plaisirs*,

O campo que analisarei é constituído por textos que pretendem estabelecer regras, dar opiniões, conselhos para se comportar como convém: textos 'práticos' que são, eles mesmos, objetos de 'prática', na medida em que eram feitos para serem lidos, aprendidos, meditados, utilizados, postos à prova, e visavam, finalmente, constituir a armadura da conduta cotidiana (FOUCAULT, 2003d, p. 20).

Ou seja, uma postura de alguém que, de maneira refletida, unirá ética com criação artística, criação de novos modos de vida, numa liberdade de agir liberada de toda e qualquer "culpa" ou então de toda e qualquer dependência com valores sociais estabelecidos. Mas quais são as características fundamentais desse novo momento? E o que se pode assimilar e, às vezes, recusar, relativamente a uma comparação da etopoiética foucaultiana com a obra criadora de vida por fazer? Buscou-se entender o sentido preciso da noção de ética em Foucault, e novas tríades que são instauradas, como sujeito-poder-corpo. A noção de estética da existência e do "ocupar-se de si", tomando lugar diante do "conhece-te a ti mesmo" são importantes na arquitetura foucaultiana dessa nova fase.

O segundo ponto essencial desta tese é então demarcado: no bojo da *etopoiética* foucaultiana da sua terceira fase, e menos comum nas abordagens relativas a Michel Foucault, sugere-se um terceiro traço personalístico em Foucault a se somar ao de crítico e ao de esteta. Na verdade, como extensão deste

último, defende-se a ideia de uma forma híbrida, cujo terceiro componente seria o Foucault como “cínico mitigado”. Quer dizer, uma reterritorialização de traços da escola filosófica cínica, aquela que, vinda a nós de maneira bastante imprecisa – poucos foram os documentos e os relatos acerca do seu movimento – foi, não obstante, objeto dos estudos de Michel Foucault no último ano de magistério no *Collège de France* (embora desde 1982 a temática já aparecesse nos seus cursos).

Assim, o que a escola cínica tem a oferecer, na visão de Michel Foucault? Até que ponto uma “vida de cão”, conforme referência ao famoso cínico Diógenes, tem algo a sugerir? Por fim, na sua busca por uma “ontologia histórica de nós mesmos”, objetivo maior do diagnóstico foucaultiano, não se cai na figura conjunta do crítico-esteta-cínico mitigado, o avaliador da atualidade, que, a partir de uma operação crítica, precisou passar para uma atitude criadora, em segundo lugar, e corajosa, em terceiro, rumo a uma vida por fazer? A *atualização* foucaultiana do conjunto dessas assinaturas aportou, na sua última fase, sobretudo em posições firmadas acerca dos homossexuais e do movimento sado-mazoquista, como instâncias criadoras de novas relações. Este é o percurso da presente tese, que se valerá muito, no sentido da compreensão de todas essas reterritorializações foucaultianas, dos *Dits et écrits*.

Guarda-se a ideia de que, até por sua “natureza”, a maioria das entrevistas e dos prefácios não chegaram a aprofundar as várias questões que aí aparecem. Ao invés, deixaram de lado argumentos minuciosos ao preço de posições gerais acerca dos mais variados temas, o que dificulta o trabalho de investigação e interpretação filosóficas. Além disso, também não foram todos os artigos que verticalizaram temas e

problemas nele tratados. Não obstante, parece ser inegável a extrema importância da publicação conjunta desse material, seja porque as entrevistas muitas vezes se complementam, seja porque algumas delas, aqui ou ali, trazem novidades conceituais além da própria posição de Michel Foucault acerca do seu trabalho e da repercussão das suas ideias. Cabe ao pesquisador saber apropriar-se dos *Dits et écrits*, opinião que se comunga perfeitamente com a de Gilles Deleuze:

[...] ele [Foucault] sempre tratou de formações históricas (de curta duração, ou, no final, de longa duração) mas sempre em relação a nós, hoje. Ele não tinha necessidade de dizê-lo explicitamente em seus livros, era por demais evidente, e deixava para dizê-lo ainda melhor nas entrevistas que dava aos jornais. É por isso que as entrevistas de Foucault fazem parte integralmente de sua obra (DELEUZE, 1990, p. 143).